



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Straub Lise, Riqueldi; Santos, Natasha; Mendes Capraro, André
“A legenda dos Gracie”: uma análise da crônica de Nelson Rodrigues
Movimento, vol. 20, núm. 4, octubre-diciembre, 2014, pp. 1329-1349
Escola de Educação Física
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115332898005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

“A legenda dos Gracie”: uma análise da crônica de Nelson Rodrigues

Riqueldi Straub Lise*

Natasha Santos**

André Mendes Capraro***

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar uma das primeiras crônicas esportivas de Nelson Rodrigues – veiculada no jornal *Ultima Hora* –, na qual o autor trata de um “desafio” entre atletas da modalidade jiu-jitsu, no ano de 1955 – Carlson Gracie e Waldemar Santana. A crônica em questão – caracterizada por uma estética literária e uma linguagem típicas do teatro “rodrigueano”, dramática e passionál – reforça um discurso de tradição da família Gracie enquanto criadora e disseminadora do jiu-jitsu no Brasil. A fim de analisar tal obra, utilizaram-se, aqui, alguns conceitos/categorias preconizados por Antonio Candido e Carlo Ginzburg, no que se refere à análise literária.

Palavras-chave: Jiu-jitsu. Literatura. Crônica esportiva.

1 INTRODUÇÃO

Rio de Janeiro, sábado, 8 de outubro de 1955, o jornal *Ultima Hora* estampava em sua capa a seguinte manchete: “Consolida-se a vitória de Juscelino Kubitschek!”, a qual fazia referência à fase final da apuração do pleito presidencial ocorrido naquele ano. Pouco mais abaixo, outra manchete de dimensão semelhante mostrava fotos de três atletas com os seguintes dizeres:

* Doutorando em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR. E-mail: ricklise@ig.com.br

** Doutoranda em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR. E-mail: nata.shas@ig.com.br

***Professor adjunto III da Universidade Federal do Paraná Pós-Graduação em História e Educação Física. Curitiba, PR. E-mail: andrecapraro@onda.com.br

Três lutadores; três destinos – Áí estão três figuras famosas do “Jiu-Jitsu” brasileiro. O campeoníssimo Hélio traz no rosto as marcas da derrota que abalou o Brasil esportivo. Continua, porém, sendo o campeoníssimo, uma vez que seu vencedor foi um ex-discípulo. Dir-se-ia a vitória de Hélio sobre o próprio Hélio. O outro, Carlson Gracie, carrega sobre os ombros a responsabilidade de um nome famoso. Ele defenderá um lastro de vitórias conquistadas durante 25 anos; à custa de suor e sangue. E, finalmente, Waldemar Santana. Se perguntassem, diríamos que o “Leopardo” não tem passado. Da noite para o dia, seu nome cresceu em relevo. Sua carreira, verdadeiramente meteórica, deve-se a um pontapé que entrou para a história do esporte nacional. O ídolo de ébano representa uma legião incalculável de inimigos dos Gracie. Logo mais, às 21 horas, no Maracanazinho, Carlson, o “Vingador” topará com a “fera” Waldemar. Uma luta que vem empolgando a cidade (ULTIMA HORA, 8 out. 1955, capa caderno 1).

Esse excerto faz referência à luta entre Waldemar Santana e Carlson Gracie. O terceiro atleta citado é Hélio Gracie – tio de Carlson – que, quatro meses antes, fora derrotado por Waldemar em um desafio de vale-tudo¹. Carlson pretendia vingar a derrota sofrida pelo tio contra o “ex-discípulo”. Desta feita, o desafio seguiria as regras do jiu-jítsu, não sendo permitidos, portanto, quaisquer golpes de percussão.

A matéria sobre esse combate ocupa, ainda, a capa do caderno esportivo e boa parte das demais páginas, dividindo espaço com as notícias relacionadas a política, economia, futebol e turfe. Fotos dos combatentes, entrevistas, análises técnicas, todos os detalhes que envolvem a disputa foram tratados nessa edição. Referida por esse periódico como “a luta do ano” ou o “Fla-Flu do Jiu-Jitsu”, a disputa aconteceria no Ginásio Gilberto Cardoso – conhecido como Maracanazinho. Tal ginásio tinha capacidade para 13.613 pessoas

¹O desafio entre Hélio Gracie e Waldemar Santana ocorreu na Associação Cristã de Moços, no dia 24 de maio de 1955. As regras estabelecidas pelos próprios lutadores permitiam golpes de percussão, ou seja, socos, chutes e cabeçadas (GRACIE, 2012).

acomodadas em cadeiras, e ainda hoje é o maior ginásio poliesportivo da cidade do Rio de Janeiro², o que denota a importância dada ao evento.

Ainda na capa do caderno esportivo, encontra-se a coluna diária “Drama – Tragédia – Farsa – Comédia”, cujo autor, Nelson Rodrigues, nessa ocasião, tratava do confronto de jiu-jítsu entre Carlson Gracie e Waldemar Santana. Assim, tendo como foco o referido texto, questiona-se: como Rodrigues, que dedicava a maioria de suas crônicas ao futebol, apresentou a luta? Sob tal perspectiva, de que forma o dramaturgo tratou a modalidade em pauta?

Ao abordar tais questionamentos, por meio de uma fonte literária, busca-se não apenas propor uma análise do que Nelson Rodrigues escreveu sobre a luta que tematiza a crônica em questão, mas, sobretudo, expor o(s) tipo(s) de criação esportiva exibida literariamente – daí a relação entre literatura e esporte. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é analisar a crônica de Rodrigues, no intuito de evidenciar algumas características da elaboração discursiva manifesta no texto, bem como propor uma possibilidade de leitura crítica do texto.

Para tal, buscou-se apoio na noção de texto e contexto, apontada por Antonio Cândido (2000), ao tratar do vínculo entre literatura e sociedade, o qual se constitui pelas interferências contextuais no texto ficcional. Ou seja, tais interferências estão relacionadas ao contexto social no qual o literato está inscrito, privilegiando o amálgama entre este e o texto – entendendo como texto a partícula de arte da produção, a criação literária. Os graus de contexto, tecidos no texto ficcional, dependem do estilo de escrita do autor, da escola literária a que pertence, do gênero que está sendo utilizado e também do meio pelo qual atingirá o público. Sob essa perspectiva, poder-se-ia afirmar que existem gêneros literários que se aproximam mais de elementos contextuais do que outros – tal é o caso da crônica.

²Atualmente, houve uma redução da capacidade do Maracanazinho, o qual pode abrigar 11.800 pessoas acomodadas em cadeiras (SUDERJ). Disponível em: <<http://www.suderj.rj.gov.br/maracanazinho.asp>>. Acesso em: 11 fev. 2013.

Apresentando-se como literatura de fronteira³, as crônicas, via de regra publicadas em jornais, colocam-se na tênue fronteira entre ficção e realidade, entre a literatura e o acontecido no dia anterior, sendo “de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo” (NEVES⁴ apud CANDIDO, 1992, p. 82). Desta forma, sobretudo pensando em sua relação com o jornal, a crônica acaba por não se afastar em demasia das notícias expostas no periódico.

Tendo em vista a amplitude do público leitor, a crônica tende a utilizar uma linguagem pouco carregada, sendo mais acessível sua compreensão. Assim, é a partir dessa leveza de linguagem que ela se torna mais acessível e, por consequência, se fixaria como um catalisador não só de informações, mas também de teses, ideais e opiniões. Todavia, como os demais gêneros literários, ela carrega as particularidades do autor, cujos estilos vão de diálogos a biografias líricas e anedotas desdobradas (CANDIDO, 1992).

Nelson Rodrigues se utiliza de uma série de elementos fictícios, inserindo, por exemplo, personagens, tal como se pode perceber em algumas de suas crônicas futebolísticas, em que os protagonistas célebres são: Sobrenatural de Almeida, a Grã-fina das Narinas de Cadáver ou o Gravatinha (MARQUES, 2000; ANTUNES, 2004; SANTOS, 2012). Incorporando traços do teatro, o autor acrescenta as emoções particulares, descritas como coletivas, vinculadas aos fatos esportivos, caminhando para além do esporte – daí o interesse em debater a forma com que isso se dá (se é que efetivamente acontece), em se tratando de jiu-jitsu.

Com a intenção de descrever a conjuntura na qual o discurso de Nelson Rodrigues está inscrito, segue, nos próximos parágrafos,

³A noção de literatura de fronteira se estabelece sob a perspectiva de Carlo Ginzburg (2004), referindo-se ao gênero de escrita literária, localizado entre a História e a Literatura. Para mais detalhes sobre a discussão, ver: CAPRARO, A. M. **Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX**. Curitiba, PR: Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (Tese de Doutorado), 2007.

⁴NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio. **A crônica**. Rio de Janeiro: Editora da Unicamp, 1992, pp. 75-92.

por meio de um levantamento bibliográfico, o contexto (sentido amplo) e a cena (sentido restrito ao momento da produção), que servirão de base para uma posterior análise do texto proposto.

2 APONTAMENTOS SOBRE O “FLA-FLU DO JIU-JITSU”

A partir da década de 1950, a capital fluminense testemunhou alguns combates entre diferentes artes marciais; a maioria dessas disputas era protagonizada por integrantes da família Gracie⁵. A versão mais divulgada sobre as técnicas de luta utilizadas pelos Gracie faz referência a uma re-estilização do *Jujutsu*, arte marcial desenvolvida no Japão, a qual deu origem ao judô (ALMANAQUE COMBATE, 2011). Ainda segundo esta versão, atualmente predominante no meio das artes marciais e em periódicos especializados, os Gracie criaram posições⁶ de luta, modificaram, acrescentaram e suprimiram golpes objetivando aumentar a eficiência de combate da referida modalidade. Tal eficiência tornava possível, por meio de técnicas próprias, que os praticantes com menor compleição física disputassem em condições de igualdade com atletas mais fortes. Os Gracie desenvolveram, assim, métodos de treinamento e aprimoraram técnicas de luta no solo, enfatizando os estrangulamentos e as manipulações de articulação (GRACIE, 2012; ALMANAQUE COMBATE, 2011; AWI, 2012; LIMA, 2012).

Motivados pela certeza de que as técnicas desenvolvidas eram superiores às de quaisquer outras modalidades, os Gracie passaram a promover desafios, com o sentido de popularizar tal arte marcial. Mestres da capoeira ou luta livre, professores de boxe, estivadores de portos, valentões das ruas, dentre outros, eram constantemente

⁵A família Gracie é muito numerosa, no entanto vale aqui ressaltar os nomes daqueles que mais tiveram influência na idealização e divulgação do jiu-jitsu. Carlos Gracie foi o primeiro da família a ter contato com as técnicas do *Jujutsu* japonês. Por meio de Carlos, os irmãos Hélio, George, Gastão Filho e Oswaldo aprenderam as técnicas. Quanto à segunda geração do jiu-jitsu da família Gracie, os mais conhecidos são Carlson (filho de Carlos Gracie), Rorion, Rickson e Royce (filhos de Hélio Gracie).

⁶Progressão da postura corporal, com objetivo de aplicar os golpes com maior eficiência e segurança.

desafiados ao confronto contra os integrantes da família Gracie e seus alunos (AWI, 2012). Na maioria das vezes, esses embates entre artes marciais tinham como vencedores os lutadores de jiu-jitsu – embora caiba aqui ressaltar que, em algumas ocasiões, praticantes de outras modalidades também saíam vitoriosos⁷.

Após aproximadamente uma década do início desses desafios e do sucesso obtido pelos praticantes, a modalidade jiu-jitsu ganhou certa popularidade na cidade do Rio de Janeiro. Tal popularidade pode ser constatada a partir de excertos de jornais, os quais davam conta do aumento do número de praticantes; ou ainda pela ampla cobertura da imprensa a tais desafios que, em alguns casos, chegou a atrair um numeroso público pagante no estádio do Maracanã⁸. Anos depois, precisamente em 1959, foi ao ar pela TV Continental o programa Heróis do Ringue, o qual apresentava ao vivo os desafios protagonizados pela família Gracie (REVISTA DO RÁDIO, 28 nov. 1959, p. 12).

A partir do periódico *Ultima Hora*, por exemplo, é possível perceber uma considerável expectativa para o combate entre Waldemar Santana e Carlson Gracie, decorrente, muito provavelmente, da popularidade adquirida por meio dos desafios supracitados, a qual se fazia valer em assertivas como: “Uma luta que vem empolgando a cidade” (ULTIMA HORA, 8 out. 1955, capa cad. 1), ou ainda:

A cidade esportiva está vivendo em função da luta Carlson Gracie X Waldemar Santana. Para valorizar o espetáculo, houve uma espécie de pausa no campeonato carioca de futebol. Dir-se-á uma homenagem da F.M.F aos dois jovens, técnicos e valentes (RENATO, 08.out.1955, p. 6 cad. 2).

⁷A modo de exemplo pode-se aqui citar a vitória de Kimura, um lutador de judô, sobre Hélio Gracie. Tal luta ocorreu em 23 de outubro de 1951, e foi amplamente divulgada pela imprensa carioca. O jornal *Ultima Hora* destacou a seguinte manchete “Venceu Kimura, no 2º ‘round” (DUARTE, 24 de outubro de 1951, p. 7).

⁸“As preliminares, com longos intervalos uma da outra, e uma chuva forte de perneio, arrancaram a paciência das cem mil pessoas que entupiam o Maracanã, à noite de ontem” (LEMOS, 24 out. 1951, capa cad. 1).

Também a rádio Mundial, que tradicionalmente transmitia jogos de futebol dos clubes da cidade do Rio de Janeiro, escalou, na ocasião, um narrador para a transmissão do combate, e assim o anunciaava: “O fabuloso Raul (Pimba) Longras, a quem caberá irradiar o “pega”, estará com o microfone da *Mundial* diretamente do Maracanazinho” (RENATO, 08.out.1955, p. 6 cad. 2). A partir dos excertos retirados do periódico *Ultima Hora*, nota-se que o referido combate detinha relativa importância em alguns meios de comunicação e, por tratar-se de um evento esportivo comparado aos grandes clássicos futebolísticos da capital fluminense, pode-se aqui inferir que o combate tenha propiciado certa expectativa no público carioca.

3 NELSON RODRIGUES E O JORNAL *ULTIMA HORA*

Fundado no Rio de Janeiro em 12 de junho de 1951 pelo jornalista Samuel Wainer, o jornal *Ultima Hora* circulou até 1970 por várias cidades brasileiras⁹, com uma tiragem média de aproximadamente 150 mil exemplares. O editorial do *Ultima Hora* apresentava forte tendência governista, prova disso era o fato de que o próprio Presidente da República, Getúlio Vargas, fora um dos seus idealizadores e possuía participação como associado do jornal. Por conta disso, o *Ultima Hora* sofrera uma série de acusações dos periódicos esquerdistas – dentre eles o Estado de São Paulo e os Diários Associados –, as quais faziam referências ao empenho de Getúlio Vargas na liberação de rápidos e volumosos créditos para a fundação do periódico, os quais, segundo a oposição, nunca foram pagos. Dessa forma, o então presidente poderia se defender dos ataques ao seu governo, bem como reforçar a sua popularidade (SANTOS, 2012, p. 96). Se, por um lado, os jornais com tendências

⁹Belo Horizonte, Porto Alegre, Niterói, Campinas, Santos, Bauru e ABC paulista. Contava ainda com edições locais nos estados de São Paulo e Paraná, Distrito Federal e na região Nordeste.

esquerdistas exerciam fortes críticas ao governo, por outro, o *Ultima Hora* servia aos propósitos de Getúlio Vargas (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2008).

Além da orientação política que norteava a linha editorial do periódico, outras importantes características diferenciaram este jornal dos demais, desde as mudanças implementadas nos processos da produção jornalística. O periódico foi inovador, apresentando novas tendências gráficas, dentre as quais o uso de cores, a valorização das fotografias e, por fim, a utilização de ilustrações que, em grande quantidade, ocupavam lugar de destaque, facilitando a recepção do público leitor, bem como a identificação de determinados personagens ou dos próprios colunistas (caricaturas)¹⁰. Ainda nesse sentido, os esportes passaram a ocupar lugar de destaque na nova formatação do jornal, em especial, o futebol. Porém, não era raro que outras modalidades, tais como remo, turfe, atletismo e lutas, ocupassem metade da capa da edição. Convém aqui ressaltar que o *Ultima Hora* era composto de dois cadernos, o primeiro deles centrado em política e economia e um segundo voltado para assuntos do cotidiano, lazer, quadrinhos e principalmente esportes. Com grandes fotografias e profissionais especializados em determinadas modalidades – o que era novidade para a época –, o jornal pretendia estabelecer um diálogo e uma relação de proximidade com todos os tipos de leitores, independentemente de classe social ou grau de escolaridade:

De fundamental importância, os cronistas sintetizavam a postura democrática do jornal. De formação eclética sua equipe reunia os mais variados tipos sociais, do intelectual à miss. Assim, o jornal pretendia agradar a “gregos e troianos”, rompendo com o padrão do jornal segmentado (OLIVEIRA, PENTEADO, p.9, s/d).

Percepção bastante próxima à de Antonio Cândido (2000), ao se referir ao autor de determinada obra não só quanto ponto

¹⁰Tais características ainda hoje se fazem presentes em periódicos com tendências mais populares.

fulcral para a compreensão do contexto a que se refere, tendo em vista sua posição social, como também no que diz respeito às suas particularidades de escrita.

O autor Nelson Rodrigues era um dos principais cronistas do *Ultima Hora*. O polêmico teatrólogo e jornalista iniciou sua carreira como cronista esportivo apenas no ano de 1955¹¹, no próprio *Ultima Hora*, periódico no qual desde 1951 já publicava seus contos “A vida como ela é” (SANTOS, 2012). Portanto, vale aqui ressaltar que a crônica sobre tal “desafio” é uma das primeiras colunas esportivas escritas por Nelson Rodrigues no referido periódico. Porém, a história de Rodrigues no jornalismo é muito mais antiga. Em 1925, aos treze anos, trabalhava na redação do jornal *A Manhã*, onde pai, Mario Rodrigues, era um dos sócios. Mais tarde, no jornal *Critica*, Rodrigues desempenhou a função de repórter policial. Sua responsabilidade era a de obter os depoimentos dos envolvidos, descrever a cena dos crimes e, por fim, relatar a ocorrência aos seus leitores, contudo, não raramente, acrescentava certo teor ficcional com sentido de tornar, para o público leitor, as histórias ainda mais impactantes (CASTRO, 1992, p.68-70). Para Nelson, o ofício do jornalista jamais deveria estar submisso à realidade. A crônica “O passarinho” – publicada em 31 de março de 1956 na revista *Manchete* – sintetiza a maneira com a qual Nelson Rodrigues percebia o ofício dos jornalistas:

Modelo de eficiência profissional foi aquele repórter que viu um incêndio. Entre parênteses: – já contei o episódio, mas vou repeti-lo, a título ilustrativo. O jornalista espia o fogo e conclui que se tratava, na verdade, de um incêndio vagabundo,

¹¹“Nelson Rodrigues foi repórter esportivo já na década de 1930, no jornal *O Globo*, todavia seus textos não eram assinados, sendo necessário recorrer a outros meios de identificá-lo enquanto autor. O mesmo aconteceu em sua passagem pelo jornal da família Rodrigues, o *Critica*, em que foram publicadas três crônicas esportivas no ano de 1929 – as quais compõem a coletânea organizada por Nelson Rodrigues Filho, intitulada *O Profeta Tricolor* – cem anos de Fluminense, de 2002 (SOUZA, 2006; SANTOS, 2012). “Entretanto, de acordo com o inventário da obra rodrigueana, elaborado por Marcos Francisco de Souza (2006, p.64), é a partir da metade da década de 1950 que o já conhecido dramaturgo se (re)apresenta como cronista. Ainda segundo Souza, foram palcos da crônica de Rodrigues o jornal *Ultima Hora* e a revista *Manchete Esportiva*, a partir de 1955; o *Jornal dos Sports*, no qual inaugura a coluna diária em 1958; o jornal *Diário da Noite*, entre 1961 e 62; retornando para *O Globo* nos anos 1960 e 70” (SANTOS, 2012, p. 29).

uma vergonha de incêndio. Qualquer mãe de família o apagaria com um humilhante regador de jardim. Volta o repórter para a redação e, lá, escreve uma página de jornal sobre o fracassado sinistro. E mais: – põe um canário inventado no meio das labaredas, um canário que morre cantando. No dia seguinte, a edição esgotou-se. A cidade inteira, de ponta a ponta, chorou a irreparável perda do bicho. Vejam vocês a lição de vida e de jornalismo: – com duas mentiras, o repórter alcançara um admirável resultado poético e dramático (RODRIGUES, 31 mar. 1956, s/p).

Independentemente da temática a ser abordada, Nelson buscava na fantasia uma aliada à sua argumentação. Em se tratando do futebol, tal como aponta Antunes (2004), o dramaturgo tendia a fugir da objetividade e a abordar a subjetividade por trás do jogo sobre o qual falaria – o que se repete ao tratar do jiu-jitsu.

Talvez uma das principais características literárias de Nelson Rodrigues seja a de potencializar e extrapolar os sentimentos, dramatizando situações, isto o acompanhou desde a redação do jornal *A Manhã*. Tal característica também se refletiu notadamente nas suas peças de teatro, sua principal paixão. Apesar de ser um apaixonado pela dramaturgia, Rodrigues necessitava escrever outros gêneros para sobreviver, tendo em vista que o teatro sério¹², do qual era partidário, não era uma boa fonte de rendas, e este foi o principal motivo que o fez acumular as funções de teatrólogo, contista, folhetinista e, por fim, cronista. Entretanto, o também cronista esportivo, fiel às suas convicções, inaugura uma maneira diferenciada de tratar o esporte, na qual os sentimentos sobrepujam as técnicas e táticas esportivas, tornando a dramaticidade constantemente presente. Nelson Rodrigues traz às crônicas esportivas uma linguagem típica do seu teatro – dramática e passional (SANTOS, 2012). E não poderia ser diferente ao tratar do jiu-jitsu... Ou poderia?

¹²O teatro sério, cuja finalidade apontava para o desenvolvimento das peças brasileiras, buscando um aprimoramento estético e artístico; de outro, o teatro para rir, que atentava para o gosto do público, já que visava ao sucesso nas bilheterias (PEREIRA, 1998; PRADO, 2008).

4 “DRAMA – TRAGÉDIA – FARSA – COMÉDIA”: O DESAFIO NA ÓTICA DE NELSON RODRIGUES

Ao discorrer sobre o desafio de jiu-jitsu que estava para acontecer entre Waldemar e Carlson Gracie, Nelson Rodrigues, em “Legenda dos Gracie” (RODRIGUES, 08 out. 1955, p.1), escreveu o seguinte:

1- O que eu acho mais simpático na luta de hoje entre Waldemar Santana e Carlson Gracie, é o seu aspecto passional. Só os simples e bobos vêem o cotejo desta noite como uma competição exclusivamente técnica e esportiva. Não amigos, mil vezes não. O que valoriza o choque, mais que o Jiu-Jitsu, é a paixão de um e outro adversários. E não tenhamos dúvida: – os dois contendores vão medir forças à sombra do ódio. É justíssimo que eles se odeiem, do primeiro ao último instante da batalha. E vamos e venhamos: – nada mais odioso do que uma luta cordial, uma luta amistosa. Se é cordial, se é amistosa; para que lutar? Porque não ficar em casa? Por outro lado não entendo como se possa dar ou apanhar na cara por esporte. É preciso que exista, por trás de cada golpe uma justificação emocional. Cada lutador bate em função de um sentimento exasperado. Então, sim – a luta, seja de Jiu- Jitsu, de boxe, ou luta livre, atinge a sua plenitude, a sua grandeza feroz, para sua violência estúpida e magnífica.

2- Quando os adversários estão imbuídos dos sentimentos mais cordiais e fraternos, a peleja assume um ar de mistificação, de conto do vigário. Felizmente o choque de Waldemar e Carlson não corre este risco. E pelo contrário. O Jiu-Jitsu, no caso, é apenas uma fachada de papelão tapando algo de mais selvagem, de mais sombrio e, mesmo, de trágico. Direi, com justificada ênfase – é uma luta de vida ou morte. No esporte, a derrota ou a vitória é uma contingência normal e legítima. Já vimos que se trata de uma peleja necessariamente antiesportiva. Pois não: – porque a luta de vida ou morte? Vejamos. Porque ambos

jogam tudo. Preliminarmente, há em causa, uma quantia fabulosa: – os trezentos contos que os Gracie depositaram no prélio. Trezentos contos! É quanto ganhará Waldemar se derrubar Carlson. Imaginem vocês o estímulo bárbaro, a solicitação tremenda que recebeu o lutador negro. Para um tubarão, um magnata, um gangster do comércio, da indústria, a quantia pouco ou nada representa. Mas para Waldemar constituiria uma solução vital, a solução do presente, do futuro, e mesmo, o resgate das misérias, das humilhações passadas, que ainda doem na sua carne e na sua alma. E não há dúvida: – os trezentos contos que Waldemar pode ganhar, que os Gracie podem perder, justificam o ódio entre os antagonistas.

3- Até o momento, o único capital de Waldemar é sua vitória inesperada e quase inverossímil sobre Hélio Gracie. Ele é “o homem que venceu Hélio”. Segundo Carlos Renato, o cronista que mais entende de Jiu-Jitsu, Waldemar vai jogar também este triunfo. Caso perca já não será mais o “homem que venceu Hélio”, e ficará sem nada. Será fácil a luta? Será difícil? Salvo um imprevisto, deve ser dificílima para ambos. Quando dois adversários jogam mais que um simples e eventual resultado, pode-se esperar uma ferocidade recíproca e inapelável. Quanto a Carlson, ele joga mais que os trezentos contos – joga o nome da família. Fosse um Carlson qualquer, um Carlson dos Anzóis Carapuça, e as possibilidades de Waldemar seriam imensas. O que importa, no caso, não é a vasta e complexa técnica de Carlson, o seu elmo, a sua lança, a sua bandeira, o seu mastro; Eis a verdade – “ser Gracie” representa muito. Este nome significa um peso, uma carga, um acervo de feitos, de vitórias, de troféus. No ringue, Carlson será mais que uma pessoa, mais que um lutador – será um nome enfurecido a desferir golpes a torto e a direito.

4- Durante 20 anos, ou 25, os Gracie foram, no Brasil invencíveis. Mas a invencibilidade acaba sendo um veneno, um ácido corrosivo. O lutador que não perde nunca, torna-se frágil, imprudente,

vulnerável. Para muitos, a derrota de Hélio foi um mal: para mim, um bem. Nada mais exasperado, nada mais terrível que o derrotado que procura a desforra. Dir-se-á que não foi Carlson quem perdeu, foi Hélio. Não, amigos, não foi um, nem outro. Por cima de Carlson, por cima de Hélio, há o nome dos Gracie sempre içado, sempre desfraldado, sempre tremulando. Não farei, nem cabe aqui, um prognóstico. Mas devo observar o seguinte: – o bravo Waldemar Santana terá contra si mais que um lutador: – um nome. Vai engalfinhar-se com o nome, a tradição, a legenda dos Gracie.

Pois bem. Alguns pontos da crônica devem ser ressaltados.

Nelson Rodrigues inicia sua crônica (parágrafo 1) promovendo a luta entre Waldemar Santana e Carlson Gracie pelo seu aspecto passional. É um traço característico do autor, aliar a emoção aos assuntos da vida humana¹³. E é já no primeiro parágrafo que Nelson dá o tom de seu texto: ao alegar que “Cada lutador bate em função de um sentimento exasperado”, o autor aponta para certa necessidade de ódio, para que a luta atinja sua grandeza, criticando, ao mesmo tempo em que diz não compreender, o bater por esporte.

Tal ideia cresce ao longo do texto. No parágrafo de número 2, o dramaturgo, em detrimento do cronista, assume as rédeas, alegando que uma luta cordial se torna um conto do vigário, e qualifica o desafio em pauta como um confronto de vida ou morte. É na concepção da luta sob a poética de vida ou morte que se encontra, ainda que de maneira tênue, a dramaticidade rodrigueana. Se vitória e derrota são elementos comuns na prática esportiva, isso não se aplica ao evento do Maracanazinho, pois ambos os lutadores colocam em o jogo tudo o que têm – ou quase tudo. Na perspectiva de Nelson, Waldemar arrisca a pecha de ser o homem que derrotou

¹³Vários são os momentos em que Nelson Rodrigues fala da importância dos sentimentos na vida do homem. Como por exemplo, ao tratar dos Jogos Infantis de 1956, o autor escreveu: “Eu só acredito nas coisas que arrancam lágrimas. [...] e vendo a imagem da criança brasileira, ainda ilesa das nossas misérias – a cidade devia chorar sentada no meio-fio” (RODRIGUES, 21 abr. 1956. In: RODRIGUES, 2007, p.81).

Hélio Gracie; ao passo que Carlson perderia dinheiro e exporia o sobrenome a mais uma derrota.

Todavia, ao mesmo tempo em que qualifica o desafio, com base no ódio que o sustenta, de certa forma desqualifica Waldemar, ao colocar o prêmio de trezentos contos como estímulo ao desafiante, o qual supostamente já não estaria lutando por ódio ao adversário, mas pensando nas benesses que o montante poderia lhe proporcionar. E reitera: “os trezentos contos que Waldemar pode ganhar, que os Gracie podem perder, justificam o ódio entre os antagonistas”. Porém, o ódio entre os oponentes dificilmente se resumiria ao dinheiro desta empreitada...

Waldemar Santana já estabelecera estreitos laços afetivos com os Gracie, em especial com Hélio, considerado um dos patriarcas da família. Durante certo tempo, além de praticar as técnicas da modalidade na academia de propriedade de Hélio, Santana exercia ainda a função de roupeiro, mais tarde foi promovido a *sparring*, e por fim já se estabelecia como representante do jiu-jítsu nos desafios entre artes marciais promovidos pela família Gracie. Santana, que passava por dificuldades financeiras, optou por aceitar um “desafio marmelada”, ou seja, uma luta arranjada. Hélio Gracie não admitia que seus alunos participassem desse tipo de simulação, temendo que a reputação do jiu-jítsu caísse em descrédito. Mesmo com a reprovação de Hélio, Santana participou do evento, o que causou um rompimento entre o aluno e o mestre. Hélio despediu Waldemar Santana e ainda o humilhou proferindo ofensas e insultos de cunho racista (GRACIE, 2012).

A indignação contra a atitude racista de Hélio Gracie fez com que Santana fosse a público, por meio dos jornais, com a proposição de um desafio entre o mestre e o ex-aluno, desafio este aceito por Hélio. A luta teve duração de três horas e quarenta e cinco minutos e Waldemar Santana, 20 anos mais jovem e muito mais pesado que seu adversário, sagrou-se vencedor. Imediatamente após a derrota de Hélio, seu sobrinho Carlson Gracie desafia Waldemar para um combate que seria considerado como uma revanche da família Gracie.

Embora Nelson Rodrigues busque promover a luta, por se pautar no ódio e por ser, assim, passionadamente disputada, no parágrafo 3 se pode verificar o verdadeiro objetivo da crônica: a defesa e reafirmação da legenda dos Gracie.

“Quando dois adversários jogam mais que um simples e eventual resultado, pode-se esperar uma ferocidade recíproca e inapelável”. A descrição, que segue até o fim do texto, sutilmente expõe a posição de vantagem de Carlson. Enquanto Waldemar teria a perder o estigma de ser reconhecido como aquele que venceu Hélio Gracie, Carlson jogaria, além dos trezentos contos por ele depositados, o nome da família. Desta forma, Nelson aponta para a força de Carlson na disputa: mais do que um lutador, seria um nome enfurecido e, portanto, mais forte, já que teria mais motivos do que o seu oponente para vencer. Sutilmente, o dramaturgo expõe os elementos que levam a crer que quem teria mais a perder era Waldemar, de sobrenome Santana.

Ao retomar-se o parágrafo 2, pode-se perceber o uso do termo “lutador negro”. Para o leitor desatento, esta seria uma descrição como outra qualquer. Mas, aponta-se para a possibilidade de significar mais do que isso. Ora, Nelson Rodrigues, que via no futebol a possibilidade de ascensão do negro (ANTUNES, 2004; SANTOS, 2012), também identificava a ausência de uma democracia racial¹⁴: “Domingo último, escrevi sobre a nossa questão racial (outro óbvio que ninguém quer ver). Disse então que, no Brasil, os brancos não gostam dos pretos, ao passo que os pretos não gostam dos pretos” (RODRIGUES, 1967¹⁵ apud Rodrigues,

¹⁴Em 1946, Nelson Rodrigues escreveu a peça *Anjo Negro*, que só foi aos palcos em 1948. Na obra, o dramaturgo buscava evidenciar os preconceitos contra os negros no Brasil e, ao falar da peça em uma de suas memórias, afirmava: “Em vez de odiar o branco, o preto brasileiro é um ressentido contra o próprio preto. Lembro-me de que, certa vez, escrevi não sei onde: — ‘Abdias é o único negro do Brasil, o único’. O que se esconde ou, por outra, o que não se esconde por trás da minha blague é uma verdade desesperada. Zé do Patrocínio não amava a sua cor. Nem Rebouças, nem Filipe Camarão. Esses e outros, milhões de outros, gostariam de ser brancos de arminho. Só Abdias do Nascimento não se arrepende de ser retinto. Único preto consentido, exultante e saturado de ódio racial. A ‘democracia racial’ que nós fingimos é a mais cínica, a mais cruel das mistificações” (RODRIGUES, 1967 apud RODRIGUES, 1993, p. 229).

¹⁵RODRIGUES, Nelson. **Memória de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1967, s/p.

1993, p. 235). Isto é, como que transitando entre ficção e verdade, o termo *lutador negro* remete à ideia de que Waldemar estaria numa posição social desprivilegiada em relação a seu oponente e é aqui que se encontra a fragilidade do desafiante: caso perdesse, deixaria de ser reconhecido enquanto o homem que venceu Hélio Gracie – fama da qual não poderia se utilizar para alavancar sua carreira de lutador, por exemplo –, passando a ser mais um homem que perdeu para Carlson Gracie.

Tal elemento fica ainda mais evidente no parágrafo 5, quando Nelson Rodrigues retoma a ideia de Legenda dos Gracie, apresentada no título. Ao relatar a sequência de vitórias da família Gracie, conferindo-lhe tradição no jiu-jitsu, Nelson Rodrigues retoma o esforço de demonstrar que, apesar de uma possível derrota, dado o peso do sobrenome, Carlson continuaria sendo um Gracie; ao passo que Waldemar não só perderia o dinheiro, como também a gloriosa pecha de ter sido o homem que venceu Hélio. A propósito de tais elementos e apesar de não querer fazer um prognóstico, Nelson como que anuncia a vitória de Carlson, a partir das dificuldades de Waldemar: “o bravo Waldemar Santana terá contra si mais que um lutador: – um nome. Vai engalfinhar-se com o nome, a tradição, a legenda dos Gracie”.

Nelson dedica seu texto, então, ao reforço da grandiosidade do nome Gracie – aclamado não só pelo colunista de jiu-jitsu da época, Carlos Renato, como também à proximidade dos Rodrigues:

No início da década de 1930, Carlos já tinha alunos de prestígio, entre eles Roberto Marinho, que lhe fora apresentado por Oscar. Roberto, que na época, estava com 27 anos e já havia substituído o pai Irineu (morto em 1925) na direção do jornal O Globo, tornou-se um entusiasta do jiu-jitsu. Mario Rodrigues Filho, recém-admitido como chefe da seção esportiva de O Globo, acabou partilhando do entusiasmo de seu chefe e, desde então, O Globo juntou-se aos jornais que noticiavam as exibições de que participavam os Gracie (GRACIE, 2012, p. 80-81).

Ora, Nelson Rodrigues, mais do que irmão, fazia parte do mesmo círculo intelectual de Mario Filho, o que aponta para a possibilidade de uma influência em sua opinião sobre o assunto – haja vista que o dramaturgo pouco ou nada entendia de lutas, elemento demonstrado quando o autor se apegava à poética de que a cordialidade tornaria a luta um conto do vigário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar das crônicas futebolísticas rodrigueanas, Marques (2000) aponta para um exagero textual, enquanto parte de uma estética barroca, carregada de uma hipérbole tão exacerbada a ponto de tornar o futebol mais importante do que os problemas sociais. Esse exagero é tratado por Silva (1997) como uma peculiaridade do que denomina “orador canastrão”, mais preocupado em “retocar” os fatos, do que em relatá-los tal como ocorreram. Assim, o principal recurso retórico seria o discurso persuasivo que, no caso de Nelson, se mantém sob a ótica de um cronista apaixonado, que escrevia como torcedor, ou seja, de maneira nada objetiva. Segundo as palavras do próprio autor, nas crônicas de Nelson Rodrigues,

[...] faz-se uma utilização engenhosa, radical e deliberada dos recursos retóricos, e todo o discurso se organiza em função da persuasão. Ciente de que a realidade dos fatos esportivos não é nada mais do que uma construção, Nelson se move abertamente no campo da opinião: a sua opinião, a opinião dos torcedores, dos cronistas, a opinião pública, o senso comum (SILVA, 1997, p.103).

Ainda que não se utilize do mesmo exagero conferido ao escrever sobre futebol, é possível perceber que Nelson Rodrigues mantém a construção de um discurso persuasivo, no sentido de convencer o leitor a respeito de três elementos: 1) de que o desafio não se refere apenas ao jiu-jítsu, mas ao ódio que movimenta os lutadores; 2) de que Carlson teria mais chance de vitória; e,

principalmente, 3) de que o nome Gracie carregaria o peso da tradição no jiu-jitsu. É nesse momento que a literatura se mostra amalgamada com a História: ao propor – ou mesmo reforçar – a tradição atribuída aos Gracie, quando se trata do jiu-jitsu. Sobretudo, ao considerar a reverberação desse discurso até os dias de hoje.

A questão da dramaticidade, presente na maioria dos textos de Rodrigues, também não se mostra exacerbada na crônica analisada. Porém, ela aparece no elemento trágico, na emoção dos lutadores, escondida por trás do jiu-jitsu. É aí que o dramaturgo aparece, pois a ideia da modalidade transformada em papelão, que esconde algo de mais selvagem, estabelece o elemento literário do texto. Como poderia Nelson Rodrigues, enquanto cronista, saber das emoções dos atletas? Não poderia. Daí a aproximação do campo das possibilidades e de certa pitada de criação literária. Ao tratar das razões subjetivas que motivam o desafio, Rodrigues extrapola o fato simples do embate entre Waldemar e Carlson: um evento cuja particularidade estaria no fato de Waldemar ter feito parte do grupo dos Gracie. Esta seria a brecha para pensar em outras motivações.

Ora, na mesma edição do jornal em pauta, ambos os lutadores discorrem sobre seus oponentes, e novamente não é possível perceber, na fala dos protagonistas, as características atribuídas por Nelson Rodrigues. Para Waldemar Santana, “ – Carlson é sem sombra de dúvida um dos melhores lutadores do país. De qualquer maneira estou consciente da responsabilidade dessa luta, que, acredito, marcará uma nova fase da minha carreira como lutador profissional” (SANTANA apud RENATO, 08.out.1955, p. 6 cad. 2). E, segundo Carlson Gracie, “Waldemar é para mim um homem sem mistérios. Espero apenas que ele pise no ring disposto a realizar um grande combate” (GRACIE apud RENATO, 08.out.1955, p. 6 cad. 2). Os lutadores estabelecem uma ética esportiva ao confronto, apontada pela cordialidade, ao reconhecerem as qualidades de seus oponentes. Não se quer dizer aqui que Waldemar e Carlson não tivessem suas subjetividades à tona no desafio. O que se questiona é o fato de Nelson Rodrigues ter o conhecimento dessas

subjetividades, como um narrador onisciente, que sabe o que as personagens pensam e sentem, dando apenas indícios do que pode vir a ocorrer.

Além do recurso da narrativa literária, cabe destacar que, se o gênero crônica se configura enquanto um lugar propício para a disseminação de teses, o caso do jiu-jitsu não seria diferente: o próprio Nelson Rodrigues noticia e acentua a fama dos Gracie. Ainda que ressaltando as qualidades de Waldemar Santana – o qual era ex-aluno de Hélio –, o autor reforça um discurso de tradição da família Gracie enquanto criadores e disseminadores do jiu-jitsu no Brasil. Não à toa, o título do texto se refere à Legenda dos Gracie, configurando-se como esforço de destaque da glória vinculada a tal sobrenome.

“The Gracie Legend”: An Analysis Of Nelson Rodrigues’ Chronicle

Abstract: This research aims to analyze one of the first sports chronicles written by Nelson Rodrigues and published in the newspaper *Última Hora*. In the text, the author talks about a “challenge” between jiu-jitsu athletes Carlson Gracie and Waldemar Santana in 1955. This chronicle – marked by literary aesthetics and language typical of Rodriguean theater – stresses a discourse on the Gracie family’s tradition as creator and disseminator of jiu-jitsu in Brazil. In order to analyze the work, we will use some concepts of literary analysis, based on Antonio Cândido and Carlo Ginzburg.

Keywords: Jiu-jitsu. Literature. Sports chronicle.

“La Leyenda Gracie”: un análisis de la Crónica de Nelson Rodrigues

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo analizar una de las crónicas deportivas escrita por Nelson Rodrigues y publicado en el diario *Última Hora*. En el texto, el autor habla de un “desafío” de jiu-jitsu, en año 1955, entre Carlson Gracie y Waldemar Santana. Esta crónica refuerza un discurso de la tradición familiar de los Gracie como creador y difusor del jiu-jitsu en Brasil. Con el fin de analizarlo, fue utilizado algunos conceptos de análisis del literatura, basado en Antonio Cândido y Carlo Ginzburg.

Palabras-clave: Jiu-jitsu. Literatura. Crónica deportiva.

REFERÊNCIAS

- ALMANAQUE COMBATE. **O Jiu-Jitsu e a origem do MMA**. Rio de Janeiro: Editora Tatame, 2011. p.14-23.
- ANTUNES, F. M. R. F. **“Com Brasileiro Não Há Quem Possa”**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.
- ANTUNES, F. M. R. F. Prefácio. In: FREITAS JR, M. A. de; CAPRARO, A. M. (orgs.). **Passe de Letra**: crônica esportiva e sociedade brasileira. Ponta Grossa: Editora Vila Velha, 2012.
- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. O Jornal, 2008. In: **Última Hora**. Disponível em: <<http://www.amigosdoarquivo.org.br/uh/historia.php>>. Acesso em: 15 jul.2012.
- AWI, F. **Filho teu não foge à luta**: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2012.
- CANDIDO, A. et. al. **A Crônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- CANDIDO, A. et. al. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Queiroz, 2000.
- CASTRO, R. **O Anjo Pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DUARTE, C. **Venceu Kimura, no 2º ‘round’!** Rio de Janeiro: Última Hora, 24 de outubro de 1951, p. 7.
- GRACIE, R. **Carlos Gracie**: o criador de uma dinastia. 4º ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- LEMOS, U. **Superada pela força bruta a técnica de H. Gracie**. Rio de Janeiro: Diário da Noite, 24 out. 1951, capa cad. 1.
- LIMA, C. de C. O começo de tudo. In: **Revista Placar**. Guia Placar do UFC. São Paulo: Editora Abril, 2012. p. 56-59.
- MARQUES, J. C. **O Futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.
- OLIVEIRA, L. F. de; PENTEADO, P. de T. A. Introdução. In ARQUIVO DO ESTADO. **Arquivo em imagens**: série Última Hora- Futebol. Número 2. São Paulo: Imprensa Oficial, s/d.
- PEREIRA, V. H. A. **A Musa Carrancuda**: teatro e poder no Estado Novo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- PRADO, D. de A. **O Teatro Brasileiro Moderno**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- RENATO, C. **O Fla-Flu do Jiu-Jitsu: Carlson Gracie X Waldemar!** Rio de Janeiro: Jornal Última Hora, 08 out. 1955, p.6. 2º caderno.
- Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1329-1349, out./dez. de 2014.

REVISTA DO RÁDIO. **Socos, ponta-pés e estrangulamentos na TV...** Rio de Janeiro: 28 nov. 1959, p. 12

RODRIGUES, N. **Nelson Rodrigues fala de Jiu-Jitsu:** a legenda dos Gracie. Rio de Janeiro: Jornal Ultima Hora, 08 out. 1955.

RODRIGUES, N. O passarinho. Rio de Janeiro: **Revista Manchete**, 31 mar. 1956, s/p.

RODRIGUES, N. **A menina sem estrela:** Memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, N. **O berro impresso das manchetes.** Rio de Janeiro: Agir, 2007.

SANTOS, N. **“Freud explicaria isso!”:** os sentimentos e ressentimentos do futebol em Nelson Rodrigues (1951-70). 2012. 135f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Departamento de História, UFPR, Curitiba, 2012.

SILVA, M. R. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues.** 1997. 122f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Departamento de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1997.

SOUZA, M. F. P. S. F. **Nelson Rodrigues** – inventário ilustrado e recepção crítica comentada dos escritos do Anjo Pornográfico. 2006. 237f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Departamento de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

Endereço para correspondência

Riqueldi Straub Lise.

E-mail: ricklise@ig.com.br

Rua Otávio Réchia, 143, Bacacheri – Curitiba/PR.

CEP: 82600-560

Recebido em: 23.10.2013

Aprovado em: 17.09.2014